

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

A Gazeta

Class.:

804

Data:

21.10.83

Pg.:

O Índio na Tevé Brasileira

Luiz Sérgio Quarto

190

“Se achamos que nosso objetivo aqui, em nossa rápida passagem pela terra, é acumular riquezas, então não temos nada a aprender com os índios! Mas se acreditamos que o ideal é o equilíbrio do homem dentro da sua família e dentro de sua comunidade, então os índios têm lições extraordinárias para nos dar”.

(Orlando Villas Boas)

O aluno bate na colega; e a professora o repreende em bom tom: pára com isso, menino. Parece índio! Mas se o menino é limpinho, toma dois, três banhos por dia (brasileiro adora água) ninguém lhe diz: que tanto toma banho menino. Parece índio!

O preconceito do brasileiro pelo índio, é devido à alienação cultural, e falta de informações modernas e precisas sobre as pesquisas dos irmãos Villas Boas, Darcy Ribeiro, Edilson Martins e muitos e muitos outros pesquisadores e grupos que já vêm se formando, principalmente no Rio e em São Paulo. Os professores, que são muitos, e que não assumiram ainda a posição sofrida, discutida e divina de “educadores” — jamais perderão tempo em sala de aula para discutir a questão de terras, abandono e extermínio dos grupos indígenas do país — que até 1957, segundo fonte do Seminário “O Índio Brasileiro: Um sobrevivente?” realizado em abril de 77 em Porto Alegre somava-se a mais de uma centena. Para o leitor ter uma idéia, só o grupo TUPI foram vinte e seis tribos extintas(x)

Na tevê — sessão da tarde — índios americanos, peles vermelhas são vistos pela gurizada em férias, como inimigos dos brancos. Cada índio que cai; é ferido, foge ou é morto; a meninada aplaude. São 100 índios que enfrentando um grupo de 8 ou 10 homens armados, levam sempre a pior. Essas cenas, esses fatos vêm se repetindo desde quando existe cinema e tevê. Portanto, a criança não tem culpa de não valorizar a nobreza do nosso índio. A criança no dia 19 de abril veste-se, pinta-se de índio pro papai, pra mamãe, pra vovó achá-lo lindo naquele dia. Cada escola, em especial a particular, capricha mais. E eles vão pras ruas, pras suas casas, orgulhosos por estarem enfeitados. É como se fosse o carnaval de outono. O pior de tudo isso, é que as escolas por não conhecerem nossos índios imitam os índios norte-americanos ou mexicanos ou peruanos. Onde fica a nossa cultura e o respeito pelo

nosso índio? Isso comprova a nossa falta de espírito de brasilidade.

Mas, a nossa criança, o nosso jovem, o nosso povo que até então achava que lugar de índio é no mato, é na mata, é longe da civilização (supondo-se que nós brancos, sejamos assim, tão civilizados); passaram a ouvir além de FUNAI — um nome de um cacique-xavante que ia cobrar as promessas dos políticos de gravador na mão. E ele passou para a política verdadeira, eleito que foi pelo povo carioca (por muitos intelectuais, jovens lúcidos, poetas, defensores ecológicos, irmãos de sangue-puri, brasileiros conscientizados de sua raça).

Na tevê, O! Surge o inteligente humorista Jô Soares: mais uma para abusar do índio? Mais uma para a campanha “lugar de índio é na mata”? Naquela segunda-feira muita gente ligou o seu receptor para ver no vídeo, a reação, ou até onde ia o Juruna diante de uma situação que ele criou, e que o Planalto exigia sua cassação.

Mas, qual! Quanta decepção para o homem de terno e gravata, para o executivo, para o burocrático, para o telespectador ansioso por mais um O, e mais uma gargalhada pra cima do gordo Jô incorporado de Juruna. Confesso aos leitores que o gesto de Jô Soares foi tão grandioso que apagou minha indignação pelo senhor Flávio Cavalcanti na quinta-feira anterior, que aos gritos acusava de maneira histórica a atitude de Juruna. Resumindo, Jô disse pouco e disse tudo. Talvez muito mais do que eu neste artigo: o índio brasileiro tão caçado (com ç) pedia pra Juruna não ser cassado (com dois s). Não foi Juruna quem falou naquele instante. Foi o próprio ator/humorista. Foi o próprio Jô Soares que naquele momento demonstrou ser tão civilizado, tão brasileiro, tão digno quanto o índio. O nosso índio. O sofrido e perseguido índio brasileiro. Obrigado, Jô. Valeu.

(x) Amniapé, Apiaka, Arawine, Arikén, Aruá, Emerilon, Guarategaja, Ifotewar, Itogapúk, Jabutiféd, Kabixina, Karitiana, Kepkiriwat, Kokama, Kuruaya, Makurap, Manitsawa, Maialat, Mondé, Oianpik, Rama-Rama, Sanamaiká, Takuatép, Turiwára, Urumi, Xipaya

— extraído do boletim informativo “pensamento Ecológico n° 4” — Cx. Postal 6984 — 01000 São Paulo.